

1

Introdução

“O espírito é o único ser incapaz de ser objeto¹”, diz Scheler, justamente porque ele abarca a totalidade do homem. Essa totalidade do homem que, ao se relacionar com o outro não o toma somente como objeto material, considerando-o um mero corpo dado ao meu conhecimento, mas o vê como uma totalidade espiritual, é a grande contribuição de Scheler à filosofia, sobretudo à antropologia filosófica. Por um lado, o homem pode se relacionar com os outros de sua espécie tratando-os como objetos, num processo exclusivamente de conhecimento, mas por outro, pode também transcender o ato de conhecer e reconhecer no outro algo além do dado fenomênico corporal: o outro enquanto outro.

Será que esse reconhecer o outro, já ultrapassado o ato de conhecer, é o máximo que o espírito humano pode fazer? Para Scheler, não. Além de reconhecer o valor do outro como uma realidade metafísica, o homem pode também vivenciar algo junto com o outro, alegrar-se ou entristecer-se com ele – capacidade exclusivamente humana, porque pressupõe tanto o conhecimento do outro como seu reconhecimento metafísico. Esse vivenciar junto é o que Scheler chama de *simpatia*.

A simpatia faz parte da vivência humana e é, muitas vezes, expressa como congratulação ou compaixão na fala coloquial. Max Scheler dedica ao tema uma obra, *a Essência e formas da simpatia*, na qual não só descreve o fenômeno da simpatia, mas busca através do método fenomenológico (ou como ele mesmo diz, através do enfoque fenomenológico) chegar à essência desse fenômeno tal como ela se apresenta à consciência. Entretanto, nessa obra não encontramos claramente a fundamentação teórica do processo simpático. Há, em contrapartida, uma análise rigorosa do fenômeno, distinguindo-o de tudo aquilo que não pode ser considerado simpatia propriamente dita.

Nossa hipótese, que desejamos desenvolver no presente trabalho, é a fundamentação teórica do fenômeno da simpatia que, no nosso entender, se

¹SCHELER, M. *Die Stellung des Menschen im Kosmos*. 15. ed. Bonn: Bouvier, 1998, p. 48.

encontraria no conceito de intersubjetividade. Somente se pressupusermos que dois indivíduos podem estabelecer entre si relações, é possível fundamentar o fenômeno da simpatia em bases filosóficas. Isso é necessário porque a simpatia constitui um mesmo ato emocional compartilhado por dois sujeitos. Porém, a consideração da intersubjetividade, ainda que necessária, não poderia ser suficiente para a explicação do fenômeno da simpatia, pois se faz necessário também lançar luz sobre o caráter universal e necessário da intersubjetividade. É preciso saber se ela pode valer para fundamentar filosoficamente a simpatia.

Vislumbramos o esclarecimento dessa questão no pensamento de Kant, quando ele trata da comunicabilidade universal na *Crítica da faculdade do juízo*. Em poucas palavras, *nossa hipótese consiste em fundamentar o fenômeno da simpatia na intersubjetividade kantiana considerando que essa intersubjetividade seja algo universal e necessário*.

Perguntamo-nos, antes, por que não fundamentar a intersubjetividade presente no pensamento Scheler através de uma base teórica husserliana, dado que Husserl, enquanto mestre de Scheler, parece ter mais influência direta no pensamento do seu discípulo do que qualquer outro filósofo, devido à proximidade temporal entre Husserl e Scheler, bem como à influência direta do método fenomenológico husserliano no mundo dos conceitos de Scheler. Ora, Scheler evita utilizar o termo “intersubjetividade” justamente por se opor ao idealismo husserliano, preferindo, muitas vezes, o termo “relacionalidade” à “intersubjetividade”.

Scheler discorda da teoria da empatia de Husserl e de alguns de seus discípulos, como Edith Stein, porque a intersubjetividade presente na teoria da empatia seria somente subjetividade, dado que o outro seria mera projeção do eu transcendental. Em poucas palavras, Scheler vê as relações entre o eu e o outro na empatia husserliana como relações entre o eu e suas próprias projeções. Diante dessa posição de Scheler em relação a Husserl, voltamo-nos para Kant.

Desse modo, nossos objetivos nesta dissertação são (1) elucidar o fenômeno da simpatia como aparece na *Essência e formas da simpatia* e (2) identificá-lo na filosofia de Max Scheler; depois, (3) apresentar a questão da intersubjetividade presente na simpatia e (4) estabelecer a intersubjetividade como condição de possibilidade para o fenômeno. Como dissemos, para isto procuramos (5)

apresentar a intersubjetividade em Kant e (6) relacioná-la com o pensamento scheleriano.

Para alcançar esse objetivo, foi necessário estabelecer no primeiro capítulo uma pequena elucidação histórico-sistemática do pensamento de Scheler, por dois motivos principais: em primeiro lugar, Scheler não foi um pensador sistemático no sentido estrito, ou seja, não desenvolveu um sistema de obras interligadas que apresentassem uma conexão lógica, desde os princípios mais fundamentais até as aplicações desses princípios nos fenômenos estudados. Diferentemente, ele busca muito mais abordar problemas que tem presente em função da época em que viveu e busca através da análise desses problemas estabelecer princípios, cujo propósito é iluminar o esclarecimento de determinado tema.

Esse fato não implica que o pensamento de Scheler seja assistemático em sua essência, mas somente em sua estrutura, caso se leia alguma de suas obras isoladamente. Acreditamos que a obra de Scheler tenha algum tipo de sistematização não expresso, cuja unidade se encontra no que o filósofo chama de teoria das esferas do ser.

Em segundo lugar, há em português um limitado número de obras que tratam do pensamento de Scheler em geral, e mais raramente encontramos obras sobre algum aspecto distinto, como o fenômeno da simpatia. Além disso, acrescenta-se que poucas obras de Scheler foram publicadas em português, tanto no Brasil como em Portugal, havendo somente cinco títulos², mas nenhum corresponde a um volume inteiro das obras completas de Scheler em alemão.

Assim, tornou-se necessário apresentarmos no primeiro capítulo uma propedêutica ao pensamento de Scheler, buscando de forma reduzida apresentar uma visão geral e sistemática de suas idéias. Esse capítulo propedêutico é indispensável nesta dissertação para a compreensão do problema da simpatia, dado a gama de conceitos utilizados por Scheler ao tratar do tema. Ele não define, muitas vezes, conceitos como “mundo da vida”, “esfera do ser”, “mundo circundante”, “corpo próprio”, etc. Pode ser que ele já o tivesse feito em outras obras, que não tratam especificamente da simpatia, ou porque estava preparando algum compêndio sobre o assunto, como é o caso de uma antropologia filosófica que o autor tinha interesse de publicar.

Um exemplo elucidativo é a consideração da simpatia como algo possível na forma de percepção psíquica (que não está ligado ao corpo, mas ao indivíduo como um todo), como diz Scheler, em *Essência e formas da simpatia*. Porém, essas formas de percepção do sujeito só serão esclarecidas em outra obra, *O formalismo na ética e a ética material dos valores*. Nessa obra, Scheler hierarquiza os graus de percepção, classificando-as em corpóreas, vitais, psíquicas e espirituais.

Ora, somente possuindo uma visão do todo do pensamento desse filósofo, nos é possível compreender o fenômeno da simpatia. Desse modo, vemos nossa introdução aos pressupostos sistemáticos de Scheler, escrita no capítulo primeiro da dissertação, como uma contribuição à compreensão da temática da simpatia como mais um pequeno acréscimo às poucas publicações em português sobre o pensamento mais geral de Scheler.

Em seguida, começamos a tratar do fenômeno da simpatia e seguimos o mesmo modelo de exposição feito por Scheler, com algumas exceções, somente para facilitar a compreensão do tema. Para isso, às vezes se faz necessário retornar ao primeiro capítulo para se ter em mente o que determinado conceito quer dizer dentro da atmosfera scheleriana.

Assim, apresentamos a simpatia, buscando estabelecer quais são seus aspectos constituintes. Porém, como assinala o próprio Scheler, muitas vezes a simpatia é confundida com fenômenos semelhantes e torna-se necessário apresentar distinções entre os “chamados fenômenos da simpatia”, como o contágio afetivo, a empatia, o simpatizar com algo e o simpatizar com alguém. A partir daí emerge, por rigorismo da descrição filosófica, a importância de uma análise crítica da simpatia. Scheler analisa a simpatia em diálogo com as correntes de pensamento de sua época que também abordaram o tema. Ele reúne essas linhas de pensamento em três grandes grupos com os quais ele dialoga: as doutrinas genéticas, as metafísicas monistas e as filogenéticas. Somente após este percurso, foi possível apresentar o conceito da intersubjetividade como condição de possibilidade de fundamentação filosófica para a simpatia.

No terceiro capítulo, já de posse da intersubjetividade, apresentamos esse conceito como também estando presente no pensamento de Scheler e buscamos, a

² Os títulos em português são: *Da reviravolta dos valores: ensaios e textos*; *Modelos e líderes*;

partir de Kant, entender como é possível que o conceito de intersubjetividade tenha validade universal³.

Partimos do conceito de subjetividade e do papel que ele desempenha no que Kant chama de “revolução copernicana” na Filosofia. Iremos tentar compreender o que é “subjetivo”, para depois trabalharmos o que se denomina “intersubjetivo”. Buscamos seguir o itinerário kantiano, iniciando pela *Crítica da razão pura* até chegarmos à *Crítica da faculdade do juízo*, obra na qual se encontra o conceito de comunicabilidade universal e serve como conceito-fundamento para a simpatia.

Omitimos propositadamente elementos de pensamento kantiano que não contribuiriam mais diretamente para a compreensão da nossa temática. Por exemplo, embora saibamos que além da *Crítica da razão pura* e da *Crítica da faculdade de julgar* Kant escreveu também a *Fundamentação da metafísica dos costumes* e a *Crítica da razão prática*, não as abordamos por nos parecer, no momento, que não contribuiriam de modo tão marcante para a temática da intersubjetividade quanto a *Crítica da faculdade do juízo* – ainda que a *Crítica da razão prática* seja de grande importância para se compreender a obra *Formalismo na ética e a ética material do valores*.

Depois de estabelecermos o que se entende por intersubjetividade na *Crítica da faculdade do juízo*, abordamos as fontes da subjetividade por considerá-las análogas a determinados conceitos schlerianos, que nos permitirão confirmar nossa hipótese inicial.

Ao final do nosso trabalho, buscamos fundamentar a simpatia numa possível intersubjetividade universal e necessária em germe na filosofia kantiana. Para isso, relacionamos conceitos kantianos e schelerianos, destacando não somente as diferenças, mas especificamente mostrando elementos comuns que nos permitem dizer que uma intersubjetividade transcendental deve ser a condição de possibilidade da simpatia.

Ao redigirmos a dissertação não pudemos deixar de falar sobre o problema da empatia, que era um tema amplamente discutido no círculo fenomenológico. Edith Stein defendeu sua tese de doutorado junto ao seu *Doktorvater* Husserl sob o título *Sobre o problema da empatia (Zum Problem der Einfühlung)*.

Morte e sobrevivência; A posição do homem no cosmo; e Visão filosófica do mundo.

Acreditamos que uma das motivações de Scheler para escrever sobre a simpatia tenha sido justamente sua discordância teórica (quanto ao aspecto da ontologia husserliana) e temática (quanto à visão positiva da empatia) de alguns outros fenomenólogos, em especial, Edith Stein. Por isso, como forma complementar do nosso trabalho, colocamos um apêndice com o título *Sobre a experiência da vivência comunitária e a empatia em Edith Stein*.

Ainda que esse texto não seja tomado como uma contribuição direta ao tema da simpatia em Scheler, pode ajudar a esclarecer alguns pontos abordados menos detalhadamente no corpo da dissertação. Caso o texto fosse incluído no corpo da dissertação, traria ao nosso tema outros problemas e não serviria mais de um auxílio ao tema tratado.

Sobre a bibliografia utilizada podemos destacar duas obras principais: *Essência e formas da simpatia* de Scheler e *Crítica da faculdade do juízo* de Kant. Entretanto, temos o objetivo de localizar o pensamento de Scheler num todo, por isso recorreremos, em especial no primeiro capítulo, sobre os pressupostos sistemáticos de Scheler, ao *Formalismo na ética e a ética material dos valores*, à *Posição do homem no cosmos* e à *Visão filosófica do mundo*. Em relação a Kant, para entendermos melhor o que quer dizer determinados conceitos na terceira crítica, recorreremos também à *Crítica da razão pura*, e raramente, à segunda crítica. Outras obras foram consultadas, tanto de outros filósofos, como Stein e Husserl por exemplo, como comentadores de Scheler e de Kant. Sempre que esses comentadores foram citados no corpo do texto, buscamos indicar a referência.

Em relação às traduções, buscamos sempre valorizar aquelas que existem em português, exceto quando se fizer melhor trabalhar com o texto original. Em todo caso, quanto às obras principais, trabalhamos com os dois idiomas: o original em alemão e a tradução em português (ou em uma outra língua neolatina, como o francês e o espanhol, por serem mais próximas do português). Usamos apenas o texto em alemão de *Essência e formas da simpatia*, embora apareça na bibliografia a tradução em espanhol.

Ao trabalharmos com os dois idiomas, pareceu-nos muito conveniente fazer algumas análises de linguagem, procurando, assim, evitar equívocos quanto à significação dos termos, pois em alemão certos significados etimológicos não

correspondem à mesma origem em português (como sabemos isto se dá devido à origem lingüística distinta entre os dois idiomas). Por exemplo, o termo alemão para “simpatia” pode ser tanto “Sympathie”, que tem a mesma etimologia do português, pois vem do grego, como “Mitgefühl” que teria seu equivalente em português em “co-sentimento”, termo que poder ser confundido, no uso não técnico scheleriano, com consentimento, proveniente do verbo consentir. Consentir tem o mesmo significado etimológico de *Mitfühlen*, mas são de origens diferentes, pois o primeiro é latino, o segundo, germânico. Assim, se traduzirmos *Mitgefühl* somente por consentir, caso nos detivéssemos no significado da origem etimológica, *Mitgefühl* significaria, em português, “concordância”, “consentimento”. Ora, o que vemos é demasiado diferente, pois *Mitgefühl* é, no uso prático da linguagem, sinônimo de simpatia tanto no alemão coloquial como em Scheler. Assim, todas as vezes que Scheler usa o termo *Mitgefühl* iremos traduzi-lo por simpatia, e o mesmo faremos com *Sympathie*. Da mesma forma, o verbo *mitfühlen* será traduzido sempre como simpatizar.